

DO SOCIALISMO UTÓPICO À ECONOMIA SOLIDÁRIA

Jonas de Oliveira Bertucci¹

Introdução

O movimento recente que tem se estendido em diferentes configurações por todo mundo nas últimas décadas – definido como Economia Solidária (ES) – é frequentemente tido como um suspiro do pensamento “romântico” dos socialistas utópicos. De fato, não se sabe exatamente o que seria o próprio socialismo utópico, sendo que como utópicos são incluídos diversos pensadores socialistas que escreveram antes (e contemporaneamente) a Marx e Engels, ou seja, antes da formulação do chamado “socialismo científico”. Os pensadores atuais da ES afirmam que esta poderia ser uma via para superação não apenas das deficiências inerentes ao próprio sistema econômico de produção atual, mas, no limite, de todo o capitalismo.

Sua proposta, ousada e louvável, não teria sustentação nem se manteria por muito tempo se estivesse baseada apenas em idéias e experiências ultrapassadas e superadas, como se afirma a respeito do Socialismo Utópico. Com efeito, em meio ao processo de reorganização e mutação da ordem social e econômica desde a segunda metade do século XX, percebe-se por todo o globo a multiplicação dessas experiências alternativas – antes na prática do que na teoria.

O que se passa então? Seria a Economia Solidária um ressurgimento ou uma revitalização do antigo Socialismo Utópico, mais um devaneio reformista fadado ao fracasso? Ou seria uma proposta realmente nova, com diferenças significativas em relação a outras formas de socialismo sugeridas, estudadas e praticadas? Suas bases certamente foram forjadas nos mesmos ideais socialistas de justiça e igualdade de oportunidades sociais, porém algo nos faz crer que, se não representam ainda uma alternativa completa e bem definida, ao menos questões importantes são (re)colocadas nesse contexto. É o que procuramos discutir neste artigo.

Um (breve) resgate ao Socialismo Utópico e sua crítica

Antes de tudo, o trabalho engajado desses personagens da história do pensamento e da prática socialista deve ser reconhecido. Surgindo no início do século XIX, eles foram os primeiros pensadores a demonstrar que a principal fonte de todos os males sociais estava na estrutura do sistema econômico baseado na propriedade privada e é, ao mesmo tempo, lamentável e surpreendente como várias de suas idéias ainda permanecem válidas no mundo moderno. Apesar de muitas vezes de forma distinta, e cada um à sua maneira original, todos faziam uma alusão às

questões morais por meio da fé, mas buscavam comprovar suas propostas para um sistema ideal por meio da ciência. Talvez o grande problema para a consolidação de seu pensamento tenha sido a falta de uma base metodológica bem definida que os possibilitasse compreender corretamente o sistema capitalista, crítica que Marx só fará após seu ‘acerto de contas’ com a filosofia de Hegel e Feuerbach ao começar a escrever intensamente sobre Economia Política.

Como aponta Engels (1985 [1880]), os socialistas utópicos não atuavam em defesa de uma classe (do proletariado), mas em prol de toda a humanidade. Pretendiam “instaurar o império da razão e da justiça eterna”, e essa razão imutável não seria resultado do desenvolvimento histórico da humanidade, mas o lugar da perfeição que bastaria ao homem (de qualquer época) revelar. Tendo marcado o século XVIII, o Iluminismo apontava que a sociedade estava para atingir a era da razão, influenciando o pensamento de importantes filósofos como Voltaire, Rousseau e Locke, numa racionalização do mundo vinda desde as leis de Newton e do plano cartesiano de Descartes. Na verdade, o movimento de libertação do homem e a Revolução Francesa possibilitaram a ascensão da burguesia e o desenvolvimento da indústria capitalista, o que culminou, em seu extremo, na mercantilização das relações sociais e do homem. Ao mesmo tempo em que a propriedade oferecia uma nova “liberdade”, crescia nos países onde nascia o capitalismo, novas formas de violência como a prostituição e uma série de vícios (burgueses). “A opressão violenta cedeu lugar à corrupção, e a espada, como principal alavanca do poder social, foi substituída pelo dinheiro”. Foram homens como Owen, Fourier e Saint-Simon os primeiros a apontar o absurdo engano cometido.

Numa palavra, comparadas com as brilhantes promessas dos pensadores, as instituições sociais e políticas instauradas pelo “triumfo da razão” redundaram em tristes e decepcionantes caricaturas. Faltavam apenas os homens que pusessem em relevo o desengano, e esses homens surgiram nos primeiros anos do século XIX”. (Engels, 1985 [1880], pg. 34).

O primeiro deles, que aqui apresentamos, é Saint-Simon, que pode ser qualificado como um autêntico tecnocrata. Acreditava, sobretudo, que a sociedade deveria ser regida por uma elite de técnicos e que o poder deveria ser exercido por um grupo de homens sábios, filósofos conhecedores das ciências naturais². Assim, para ele, a sociedade (de sua época) estava invertida, pois não eram os homens moralmente e tecnicamente corretos que a dirigiam. Ao contrário, estes

¹ Mestrando do curso de Economia pelo CEDEPLAR/UFMG e Bolsista CAPES.

² No relato de “Um Sonho” Saint-Simon (2002 [1803]) afirma que a reunião dos 21 sábios (três matemáticos, três físicos, três fisiologistas, três químicos, três literatos, três pintores, três músicos), eleitos pela humanidade, deveria ser chamada de “Conselho de Newton”.

estavam dominados, como se viu historicamente, pelos homens, senão mais corruptos e imorais, menos produtivos³.

Para notar isso bastaria supor, num momento, que um país como a França perdesse por um desastre seus três mil melhores sábios e técnicos de diversas áreas da ciência, e em outro momento, que conservasse esses homens de gênio e que os expurgados fossem parte da família real, duques, condes, conselheiros de Estado, políticos, homens da igreja e os mais ricos proprietários que vivem aristocraticamente, enfim, os 30 mil homens mais reputados. Ora, a resposta para a questão de qual seria a pior perda para a nação lhe parecia óbvia. Como responde Saint-Simon (2002 [1803], pg. 59):

“Esse acidente afligiria certamente os franceses, que são generosos, que não saberiam ver com indiferença o súbito desaparecimento de um número tão grande de seus compatriotas. Mas essa perda dos trinta mil indivíduos reputados os mais importantes do Estado não lhes causaria tristeza senão de um ponto de vista puramente sentimental, porque daí não resultaria nenhum mal para o Estado”.

Enquanto no primeiro caso “a nação se tornaria um corpo sem alma no momento em que os perdesse; cairia imediatamente em um estado de inferioridade perante as nações das quais é atualmente rival e permaneceria subalterna em relação a elas enquanto não reparasse sua perda”. (SAINT-SIMON, 2002 [1803], pg. 58).

Outra figura interessante é Fourier, talvez o personagem mais atípico na estória do Socialismo Utópico. Muitas vezes pode até ser difícil entendê-lo como socialista. Sua proposta era a construção de um “*Novo Mundo Industrial*”, perfeito e completo, o estágio final de organização da sociedade que substituiria naturalmente, assim que descoberta sua teoria, a sociedade civilizada (capitalista). “Seu sonho era que algum capitalista se interessasse pelo seu sistema e se dispusesse a experimentá-lo”. (SINGER, 2002a, p. 35).

“Nesse regime, a prática da verdade e da justiça torna-se um meio de enriquecimento, e a maior parte dos vícios degradantes, segundo nossos costumes, como a gula, torna-se um meio da emulação industrial, de modo que os refinamentos gastronômicos são encarados como demonstrações de sabedoria. Segundo esse contraste, o estado civilizado, onde reina a mentira e a indústria repugnante, será chamado de *mundo às avessas*, e o estado societário, de *mundo direito*, fundado sobre o uso da verdade e da indústria atraente”. (Fourier, 2002[1829], pg. 68).

³ Segundo John Friedmann, Saint-Simon teria sido o pai do planejamento científico. Suas idéias inspiraram a corrente do planejamento social tida como *Policy Analyses*, que dá ênfase a matematização da sociedade e defende a formação dos chamados *engenheiros sociais* – indivíduos que tomariam decisões ‘afilosóficas’, o que os possibilitaria tomar as decisões e ações mais eficientes.

Fourier pode chegar a esse projeto (divino) através da descoberta do *Princípio da Atração Universal*, onde o mundo material e social se assemelham, como reflexo da unidade no sistema do universo, ou seja, a economia e a mecânica são uma coisa só, regidas por leis físicas e matemáticas semelhantes. Desse modo, todas as paixões humanas poderiam ter livre curso para gerar uma harmonia universal. (SINGER, 2002a).

Assim, propunha a formação de pequenos núcleos de associação, os *falanstérios*, cada qual com cerca de mil e oitocentas pessoas, que reuniriam as sete funções industriais⁴, permitindo a eficiência plena do trabalho humano ao extinguir os vícios como a fragmentação da agricultura e a falsidade do comércio. Nessa sociedade o trabalho seria atraente e haveria uma ampla gama de atividades, não haveria incentivo ao ócio, e a implantação desse sistema não comprometeria os interesses de nenhuma classe. Todos sairiam ganhando, sem a necessidade de um Estado coercitivo autoritário (o que o leva a ser visto algumas vezes como um precursor do movimento anarquista). Ressalve-se que Fourier não defendia a supressão da propriedade privada nem acreditava na igualdade plena entre os homens, sendo que seu sistema pode ser entendido como “uma variedade de socialismo de mercado, centrado na liberdade individual, na livre escolha de trabalhos, organizados em equipes e na propriedade por ações dos meios de produção”. Na prática, a maioria das comunidades fundadas sobre os princípios do fourierismo nos Estados Unidos e na França se desfez em cerca de cinco anos. (SINGER, 2002a, p. 37).

Em sua ilusão, Fourier chega a afirmar: “(...) é a mim que as gerações presentes e futuras deverão a iniciativa de sua imensa felicidade”⁵. Apresentando um sistema utópico e estático passou a anos luz de distância da compreensão de que o desenvolvimento das sociedades e do homem é um processo histórico e contínuo. Suas afirmações ousadas não são mais que preceitos dogmáticos. Seu critério científico é tão preciso quanto de um sacerdote, quando quer revelar que conhece os planos de Deus.

Por outro lado, com seu trabalho dedicado e original, temos Robert Owen como o personagem mais reconhecido entre os socialistas utópicos, primeiro a questionar, mais do que a máquina em si, a motivação pelo lucro. É o precursor do movimento cooperativista e importante ator político nos movimentos sociais na Inglaterra do início século XIX⁶. Ainda jovem Owen fundou uma grande fábrica têxtil (New Lanark) com cerca de 500 trabalhadores, que cresceu e se tornou muito lucrativa. A diferença era que ele não explorava os trabalhadores conforme os padrões

⁴ A saber: atividades domésticas, agrícolas, manufactureiras, comerciais, de ensino, estudo e artes.

⁵ Fourier, C. *Teoria dos quatro movimentos*. Apud: Teixeira (2002, p. 63).

⁶ “Todos os movimentos sociais, todos os progressos reais registrados na Inglaterra no interesse da classe operária, estão ligados ao nome de Owen”. (Engels, 1985 [1880], p. 43).

vigentes no início do capitalismo industrial. Limitava a jornada de trabalho e ao invés de empregar crianças, construía escolas. Foi considerado um filantropo de renome.

Porém, mais tarde se deu conta de que “esse novo poder”, possibilitado pelo desenvolvimento das técnicas produtivas, era “obra da classe operária” e de que, ao final, esses trabalhadores não eram muito diferentes de escravos. A partir daí sua forma de ver e de atuar no mundo foi transformada, tanto em relação às normas burguesas como à religião, cuja crítica parece fazer de Owen um agnóstico. Isso não impede que seja considerado um dos maiores exemplos do que se poderia considerar um “homem de bem”. Repudiava a guerra e defendia que fatores como a caridade, a verdade absoluta em todos os momentos nas relações entre os homens, a estima e o amor incondicional ao próximo e perante toda a raça humana seriam fundamentais para se manter a organização de uma sociedade “perfeita”. Sua crítica à religião pairava justamente sobre sua incapacidade de unir os homens e seu fundamento falso, historicamente causador de discórdia, guerra e hipocrisia. Afirmava que o mais importante estudo do homem, como disseram os antigos, “consiste em conhecer a si mesmo”. (OWEN, 2002[1836-1844], p. 123).

Passou assim, a atuar na elaboração de projetos detalhados de formação de pequenas colônias comunistas com experiências na Irlanda e na América do Norte, as “Aldeias Cooperativas”, onde o produto do trabalho seria repartido de forma equitativa de acordo com o tempo gasto na produção, a princípio um plano para acabar com a pobreza, que cada vez mais se mostrava como uma proposta de reformulação de toda a sociedade. As suas experiências, onde gastou grande parte de sua fortuna, fracassaram e dedicou seus últimos 30 anos de vida trabalhando no interesse dos trabalhadores e na formação de cooperativas de consumo, de produção e mercados de troca, que seriam medidas de transição para a organização de uma sociedade comunista⁷. Essa postura crítica à igreja e aos mais fortes paradigmas burgueses da sua sociedade lhe rendeu descrédito frente à imprensa e a perda de sua posição social, antes de prestígio. (ENGELS, 1985, p. 41/2).

Uma visão da base filosófica de seu trabalho pode ser vista no “Livro do Novo Mundo Moral”, onde afirma ter descoberto as leis básicas que regem o desejo humano, pelas quais se poderia constituir uma verdadeira “ciência moral”. Afirmava que nossos sentimentos e convicções se dão independentemente de nossa vontade, que os homens sentem amor ou ódio por pessoas ou coisas independentemente de sua escolha, e não podem por vontade e decisão própria, sentir. Ao contrário, são os sentimentos e convicções humanas que criam a vontade e a motivação para

⁷ Segundo Engels, foi Owen que presidiu “o primeiro congresso em que as *trade unions* de toda a Inglaterra se fundiram numa grande organização sindical única”. (Engels, 1985 [1880], p. 43).

agir⁸. Desse modo, poder-se-ia dar direção na formação dos sentimentos e convicções das crianças da geração seguinte, pois o homem de *caráter superior* se forma “quando as leis, instituições e costumes sob os quais vive estão de acordo com as leis da natureza”.

Fundamentado nisso, Owen elaborou seus projetos, de comunidades sob nova organização social e política. Dava importância fundamental à educação, que até o seu tempo só teria servido para deformar e não para formar. Nessas comunidades, a educação – guiada pelos sábios – seria diversificada e estimularia o interesse pelo saber, a fim de formar o caráter e tornar a criança o “ser mais racional possível”. Um novo governo seria regido pelos sábios, eleitos democraticamente no início, e com o tempo a eleição não seria mais necessária. É interessante verificar como Owen afirmou serem utópicos uma série de sistemas sociais desde Platão, porque seus autores não conheciam “os princípios indispensáveis para se fundar uma sociedade unida” que agora ele revelava. Com efeito, como afirma Owen (2002[1836-1844], p. 129):

“Torna-se cada dia mais evidente que é muito mais fácil produzir e distribuir riquezas abundantes e bem educar e governar a população pela *união* dos homens, habituados a cooperar e a ajudar-se mutuamente em um único interesse definido e bem compreendido que pela *divisão* e oposição de interesses”.

Apesar do fracasso de suas experiências, sua afirmativa acima continua válida, porém não parece que a maioria dos homens do nosso tempo a tenha compreendido. Talvez o principal erro de Owen tenham sido suas conclusões falsas sobre a natureza humana, que o levavam a acreditar que seria possível atingir essa sociedade perfeita, ou mesmo, que não estaríamos tão distantes dela. Possivelmente caiu na mesma armadilha lógica da qual acusava os filósofos anteriores, ao afirmar ter descoberto “um sistema capaz de assegurar o bem-estar universal permanente” e não compreender o caráter dinâmico da história do homem. Diversas experiências com base no owenismo surgiram posteriormente, mas ou se mostravam insustentáveis financeiramente ou acabavam após o afastamento ou o falecimento de seus idealizadores⁹.

Provavelmente o mais importante ensaio de Pierre-Joseph Proudhon, o último dentre os utópicos que apresentamos, tenha sido o texto “O que é a propriedade?”. Neste trabalho, ele procura demonstrar matematicamente, agrupando a moral e a álgebra de forma admirável, a impossibilidade lógica da propriedade. Sendo contemporâneo de Marx, os dois travaram longos debates e, apesar de Marx ter escrito “A Miséria da Filosofia (1847)” em resposta agressiva à

⁸ “Esses efeitos são tão involuntários e merecem tão pouco elogio ou censura como a forma do rosto ou o peso do corpo”. Owen (2002 [1836-1844]), p. 115.

⁹ Segundo Singer (1998, p. 93), os assentamentos coletivos na antiga Palestina e atual Israel são as experiências de maior êxito na formação de uma sociedade constituída por “aldeias cooperativas”, tendo atravessado todo o século XX até hoje.

“Filosofia da Miséria (1846)” de Proudhon, é inegável a influência de seu trabalho sobre a propriedade no futuro desenvolvimento da teoria da mais-valia¹⁰. Na verdade, esses fatos o colocam em uma posição diferente dos socialistas antes de Marx, sendo considerado por alguns como o precursor do socialismo científico.

Em seu trabalho, Proudhon aponta, com uma argumentação baseada em preceitos da economia política clássica e se valendo de uma linguagem carregada de metáforas religiosas, o fato de que a propriedade dá o poder de produzir sem trabalhar, é o roubo legitimado, causa a morte, é contrária à natureza e à razão. Aponta que a propriedade é desumana e “faz com que a sociedade se devore”, pois um capitalista luta para superar o outro e nenhum deles tem compromisso com o trabalhador. Critica Say, Ricardo e Malthus, afirmando que propriedade contradiz os axiomas da Economia Política e impossibilita a igualdade de direitos eleitorais, permitindo a tirania imposta por um Estado controlado pelos interesses de uma minoria. A tentativa de remediar os males causados por ela só pode ser eficaz estruturalmente se caminhar para sua eliminação. Esse direito pode ser percebido por diversas formas, seja como o direito de forçar o salário para baixo, o direito de exploração, e ainda, o direito ao roubo e ao assassinato, já que a propriedade causa a miséria e a morte. Ora, segundo Proudhon, a concorrência não é senão um duelo decidido pelo dinheiro¹¹.

É com essa condenação da propriedade que Proudhon concebe um sistema de crédito e de trocas que pode ser comparado aos atuais Bancos Populares e aos Clubes de Trocas. Propôs o que seria o sistema perfeito, que asseguraria o crédito gratuito para os trabalhadores, e sem juros, onde a transferência eficiente de recursos e necessidades dentro da sociedade entre diferentes pessoas seria possível, sem favorecer o ganho sem trabalho. Todavia, apesar de sua atuação em projetos práticos e objetivos, de ser um dos primeiros autores a escrever consistentemente sobre o capitalismo e da tentativa constante de colocar os produtores à frente da economia, fundando o pensamento que daria origem às idéias de autogestão, o projeto de Proudhon também fracassou. Sendo um precursor incorreu também em falhas, contudo, as críticas mais constantes aos seus trabalhos visam sobre seu sentido reformista, que no fundo, seriam apenas uma tentativa de

¹⁰ Embora, antes de escrever “A Filosofia da Miséria”, Marx proclamou a crítica de Proudhon à propriedade privada como sendo o “primeiro exame crítico, e este o primeiro exame resoluto, sem escrúpulos e ao mesmo tempo científico”. E afirma que “este é o grande progresso científico que ele (Proudhon) efetuou, um progresso que constitui uma revolução da Economia Política e que somente tornou possível uma verdadeira ciência da Economia Política. A obra de Proudhon *Qu’est-ce que la propriété?* tem a mesma significação para a Economia Política moderna que a obra de Sieyès *Qu’est-ce que le tiers Etat?* tem para a política moderna”. (Marx, A Santa Família, apud: Mandel, 1968, p. 38).

¹¹ “Quem mente, o acusado ou a testemunha? – diziam nossos bárbaros ancestrais. Faça-os lutarem, respondia o juiz, ainda mais bárbaro; o mais forte terá razão. (...) Qual de nós dois venderá especiarias ao vizinho? Ponham-nas na loja, responde o economista: o mais esperto ou o mais patife será o homem mais honesto ou o melhor comerciante”. (Proudhon, 2002[1840], p. 296).

tornar o sistema mais humano e justo e não de superá-lo, não eliminando a propriedade, mas apenas realizando sua redistribuição.

Como se pode perceber, o que é chamado o socialismo utópico não constitui uma linha bem definida do pensamento socialista, consiste, antes, em um primeiro aglomerado de trabalhos e experiências exploratórias, reflexos da inquietação e da indignação desses personagens com a realidade que presenciavam. Em relação a importantes questões, autores como Fourier e Proudhon se diferenciavam muito entre si. De forma alguma Proudhon aceitava o preceito, que originalmente vem de Saint-Simon: *a cada um segundo suas capacidades*¹². Não que se esperasse que concordassem em tudo, mas as divergências eram claras. Eis como Proudhon (2002[1840], p. 274) se refere a Fourier:

“A quem se quer reformar a indústria e a agricultura, se a propriedade é mantida, se o trabalho não pode jamais cobrir a despesa? Sem a abolição da propriedade, a organização do trabalho é apenas mais uma decepção. (...) A parcela de charlatanismo é muito grande nesse homem e a de boa fé, muito pequena”.

Do mesmo modo, é preciso ter cuidado ao afirmar que os *falanstérios* de Fourier têm grande semelhança com as comunidades fundadas por Owen. Basta notar como Fourier (2002[1829], p. 71) se distancia de Owen:

“Uma seita criada pelo Senhor Owen pretende ter criado o estado societário; mas é exatamente o contrário: ela contribui para desacreditar a idéia de associação, pela falsidade de seu método, contrário em todos os sentidos à natureza ou à atração”.

Se por um lado, Owen e Proudhon rejeitavam categoricamente a propriedade, Fourier e Saint-Simon a defendiam. E se Fourier imaginava uma sociedade plenamente anti-autoritária, com certa descentralização de poder, e Proudhon se declarava adepto ao anarquismo filosófico, para Saint-Simon a autogestão da sociedade certamente seria impossível – já que o poder deveria ser exercido pelos técnicos, e não por cidadãos comuns. Ao mesmo tempo, os estabelecimentos de troca fundados por Owen, onde a hora de trabalho era a unidade de medida do valor do produto, se assemelham muito aos bancos de troca de Proudhon, entretanto, enquanto estes pretendiam ser a resposta para os males sociais, aqueles visavam antes uma transformação muito mais radical da sociedade. Ou seja, Owen propunha não apenas uma transformação na estrutura e organização econômica, mas antes em todos os aspectos da educação, da cultura e da vida social.

¹² Tal idéia foi aproveitada e modificada por Marx tomando a seguinte forma: “*de cada um, de acordo com suas capacidades; a cada um de acordo com suas necessidades!*”, o que vai bem além da simples divisão do produto pelo tempo ou qualidade do trabalho. (Marx, 2002 [1875], p. 108).